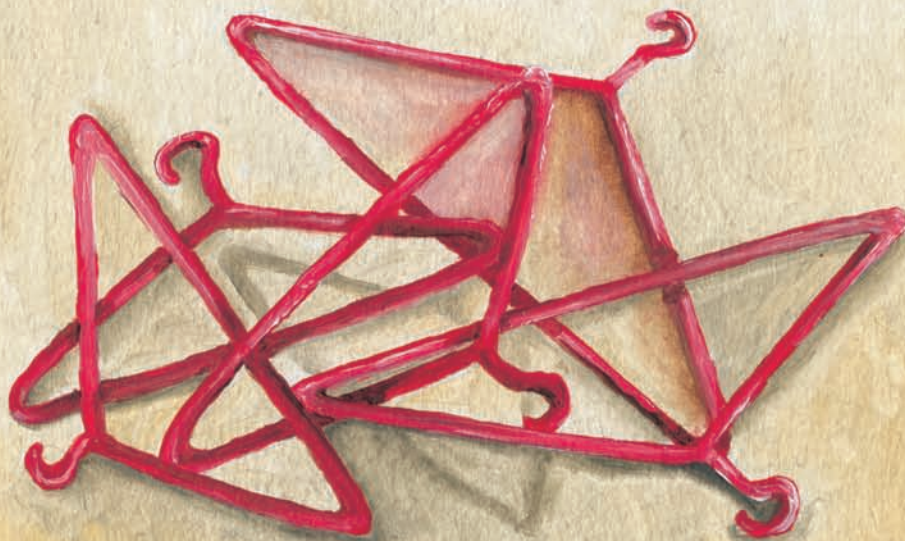





Quando regressou ao seu quarto espreguiçou-se mais uma vez, resistiu à piscadela tentadora dos lençóis que lhe sugeriam «só mais uns minutinhos» e abriu a porta do guarda-vestidos. Aí estavam penduradas e arrumadas, de uma forma ordenada, as suas roupas.

Como no dia anterior, antes de adormecer, já tinha pensado no que iria usar no dia seguinte, o seu olhar sabia o que procurar. Não foi por isso difícil à sua mão encontrar o caminho para o cabide onde estava pendurado aquele vestido leve, de tecido fino e cor azul celeste.







Despido o pijama foi a vez de ajustar o vestido ao corpo. Puxa daqui compõe acolá, estica dali alisa dacolá, eis que a sensação daquela roupa lhe assentar bem estava conseguida. Mas faltava ainda a confirmação. Por isso abriu uma outra porta do guarda-vestidos e procurou-se reflectida na imagem do espelho que aí tinha sido posto. Ainda se lembrava das palavras bem dispostas do pai quando, com cuidado, tinha ele próprio colocado aquele enorme espelho na parte de dentro da porta do guarda-vestidos:

— Ó Mariana, isto não é para vaidades! Não te deixes ficar presa pelas imagens do espelho!  
— e soltou uma enigmática gargalhada, seguida de um afago que percorreu os cabelos da filha.